



A FESTA DE SÃO PEDRO DE MACARANI-BA: Interpretando a identidade e a religiosidade da tradição.

The festival of São Pedro de Macarani-BA: Interpreting the traditions's identity and religiosity.

La fiesta de São Pedro de Macarani-BA: Interpretando la identidad y la religiosidad de la tradición.

Gabriel Ferraz¹

Wadmillan De Oliveira Ferraz²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar a Festa de São Pedro de Macarani, que ocorreu no ano de 2018 por meio da observação participante, do exercício da descrição densa e da análise e interpretação dos atos e elementos que a compõem. A Festa de São Pedro é comemorada todos os anos, desde 1921, em homenagem ao padroeiro da cidade, e vem escrevendo sua tradição há mais de um século. Eleger uma festa como objeto etnográfico nos abre diversas e diferentes possibilidades de abordagem. Faremos um exercício de interpretação da Festa de São Pedro em duas linhas de análise – como expressão religiosa, voltada à dimensão do sagrado, da ordenação dos sentidos e conexões com a igreja e a mística da cidade e outra, como expressão de identidade, historicamente construída pelas classificações e posições sociais e pela expressão da memória local, em que ambas apontam para diversos níveis da vida social, para o universo de crenças e práticas compartilhadas no espaço e no tempo, constituindo um sistema coerente de auto reconhecimento coletivo, reafirmando na realização da Festa de São Pedro, seu pertencimento a uma mesma comunidade, uma mesma tradição, um ethos social.

Palavras-chave: Macarani, Festa de São Pedro, Tradição, Identidade, Religião.

¹ Mestre em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. E-mail: gabrielferraz.csocial@gmail.com

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Atualmente trabalha como Produtor Cultural em Macarani - Médio Sudoeste da Bahia. E-mail: miller-ferraz@outlook.com

Artigo submetido em: 26 de maio de 2023.

Artigo aceito em: 25 de junho de 2023.



Abstract: This article aims to present of the Festival de São Pedro de Macarani, which took place in 2018 through participant observation, the exercise of dense description and the analysis and interpretation of the acts and elements that compose it. Macarani is a municipality in the Middle Southwest of Bahia, 600 km from the capital Salvador and close to the border with the State of Minas Gerais. The Festa de São Pedro has been celebrated every year since 1921, in honor of the patron saint of the city, and has been writing its tradition for over a century. Choosing a Party as an ethnographic object opens up several different possibilities of approach. We will carry out an exercise of interpretation of the Fest de São Pedro in two lines of analysis – as a religious expression, focused on the dimension of the sacred, the ordering of the senses and connections with the church and the mystique of the city and another, as an expression of identity, historically constructed by classifications and social positions and by the expression of local memory, in which both point to different levels of social life, to the universe of beliefs and practices shared in space and time, constituting a coherent system of collective self-recognition, reaffirming in the realization of the Feast of São Pedro, his belonging to the same community, the same tradition, a social ethos.

Keywords: Macarani, Feast of Saint Peter, Tradition, Identity, Religion.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar la Festa de São Pedro de Macarani, que tuvo lugar en 2018 a través de la observación participante, el ejercicio de descripción densa y el análisis e interpretación de los actos y elementos que la componen. La Festa de São Pedro se celebra todos los años desde 1921, en honor al santo patrón de la ciudad, y lleva más de un siglo escribiendo su tradición. La elección de una fiesta como objeto etnográfico abre varias posibilidades de abordaje. Realizaremos un ejercicio de interpretación de la Festa de São Pedro en dos líneas de análisis – como expresión religiosa, centrada en la dimensión de lo sagrado, la ordenación de los sentidos y las conexiones con la iglesia y la mística de la ciudad y otra, como expresión de identidad, construida históricamente por clasificaciones y posiciones sociales y por la expresión de la memoria local, en la que ambas apuntan a distintos niveles de la vida social, al universo de creencias y prácticas compartidas en el espacio y el tiempo, constituyendo un conjunto coherente sistema de auto-reconocimiento colectivo, reafirmando en la realización de la Fiesta de San Pedro, su pertenencia a la misma comunidad, la misma tradición, un ethos social.

Palabras-clave: Macarani, Fiesta de San Pedro, Tradición, Identidad, Religión.

Introdução

O município de Macarani está localizado no interior da Bahia, na Região do Médio Sudoeste, a cerca de 600 km da capital Salvador, a 220 km do litoral Sul da cidade de Ilhéus e 40 km da cidade de Bandeira, na divisa com o Estado de Minas Gerais. Macarani tem aproximadamente 18 mil habitantes segundo o IBGE, somadas as zonas rural e urbana, abrangendo uma área de 1.372 km², com três distritos: Itabaí, Vila das Graças e Vila Isabel. O nativo desta terra tem como gentílico - macaraniense.

Macarani nasce da passagem de vaqueiros e tropeiros vindos dos Sertões da Bahia para o Litoral Sul e Minas Gerais, e de Minas Gerais com o destino a Vitória da Conquista e o Recôncavo Baiano, foi fundada sobre o símbolo do catolicismo como Arraial de

Macarani em meados de 1921, onde os fundadores Joviniano Neres de Carvalho, Damásio Ferreira e Antônio Caires de Pinheiro, fizeram a doação de uma área de terra para o patrono São Pedro, localidade simbólica da cidade, onde atualmente é o Largo São Pedro.

A festa do padroeiro de Macarani é considerada por seus habitantes, como sua maior tradição, posto que se repita anualmente, revivendo as manifestações de da memória coletiva que reata os sentidos identidade local, por meio da lógica da produção e reprodução social e cultural da sociedade local. A Festa de São Pedro é comemorada todos os anos, desde 1921, em homenagem ao padroeiro da cidade, e vem escrevendo sua tradição há mais de um século. A festa constitui assim, uma tradição institucionalizada, relacionada com um conjunto de práticas sociais, culturais, políticas, econômicas e religiosas, com hábitos, usos, costumes e valores que, através da produção e participação da festa, incorpora e expressa uma relação com os ancestrais e a própria história da fundação da cidade.

Situando a Festa de São Pedro

A festa é constituída em três atos: a cavalgada, a procissão e o arraial de São Pedro. A interpretação que se apresenta neste artigo foi construída a partir da análise desses três eventos que aconteceram entre os dias 28 e 30 de junho de 2018. No dia 28 de junho durante a tarde ocorre a cavalgada de São Pedro, procuro observar e compreender como é construída a sua organização e outros elementos presentes em sua execução. Chama à atenção a presença de um elemento inédito: um artefato de madeira com a imagem de São Pedro Negro. Segundo as informações obtidas, o artefato foi esculpido por índios, porém ele não possui características provenientes da matriz indígena, mas sim da matriz africana, visto que os traços e elementos da imagem esculpida, como os olhos, nariz e lábios remetem a traços faciais de origem africana. Outro fato inédito na cavalgada daquele ano foi à participação de um padre, pois nunca tinha acontecido antes e pelo fato dele não ter domínio sobre a montaria de animal, procurou outro meio mais viável - a charrete - aonde o padre Irineu, de posse da imagem do São Pedro, conduz a cavalgada pela cidade junto com os cavaleiros e amazonas, guardiões da tradição, portando as bandeiras do Brasil, do Estado da Bahia, de Macarani e a Flâmula de São Pedro.

Figura 01: Padre Irineu com o Artefato de São Pedro



Fonte: Etnografia da Festa de São Pedro, 28/06/2018, foto: Wadmillan de O. Ferraz

Finalizado o trajeto da cavalgada em frente à Igreja Matriz, acontece o ritual simbólico de “Reflexão e Bênção” onde os padres consagram os cavaleiros, amazonas e devotos participantes. Esse momento corresponde ao ápice da cavalgada, como ato final que corresponde a um momento de plena harmonia e comunhão ordenada pelo sagrado.

Na sexta-feira, dia 29 de junho, acontece a procissão em homenagem a São Pedro, é o segundo e último dia da parte religiosa da festa. A procissão é organizada por um grupo regular da Igreja de São Pedro, que estabelece o percurso e direciona a comunidade religiosa. A procissão foi o primeiro evento realizado pela comunidade na antiga Vila de Macarani e vem sendo reproduzida há mais de um século, tendo também passado por mudanças ao longo desse tempo.

Quando instituída junto com a primeira igreja, a procissão era conduzida por uma grande cruz de madeira levada por um líder político local e o itinerário ia dessa primeira

igreja, que antes era localizada no largo, que percorria seu trajeto até a serra cruzeiro. Depois de construída a nova igreja, na Avenida Camilo de Jesus Lima, a procissão ganhou um novo percurso e uma nova configuração nos símbolos, tendo sido acrescido ao rito, à imagem de São Pedro e uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, ficando a peregrinação concentrada pelas ruas da cidade, e a introdução de novas orações. Nesse período, a procissão que ainda estava conduzida por líderes políticos, vai gradativamente, assim como a condução da imagem do santo, sendo deslocada para os líderes religiosos da comunidade católica. Algum tempo depois, os padres reconfiguraram esta liturgia e se estabelecem a frente da procissão, assim, desde então e até hoje permanecem na frente da romaria - os padres em sequência da hierarquia eclesiástica, coroinhas, grupos da igreja e membros da comunidade, entre outros participantes, segurando o artefato com a imagem de São Pedro, seguidos da multidão de peregrinos que acompanham o trajeto. Na parte da manhã ocorre uma missa e os preparativos para o evento.

A celebração da festa na dimensão sagrada acontece entre os dias 28 a 29 de junho, sendo centrais a novena e a procissão, herdadas da tradição da Igreja de Roma, mas com a incorporação de novos elementos, como a substituição da cruz de madeira pelo artefato com a imagem do padroeiro. Em 1965, foi introduzida a cavalgada de São Pedro, aumentando o crescimento de adeptos e expandindo também as interações entre os moradores da cidade, os macaranienses que vivem fora e retornam neste período e os vizinhos que passam a integrar essa trama de relações em torno das manifestações de devoção e fé no padroeiro, e consolidando a produção de uma identidade local.

“A Festa de São Pedro, é de grande importância para a Igreja católica, não só de Macarani, mais como na igreja no mundo, porque Pedro foi o primeiro Papa, essa instituição foi pelo próprio Jesus, e hoje nós temos o Papa que é o sucessor de Pedro e é uma festa muito participada graças a Deus; e eu como católica tenho apreciação, como fiel da Igreja de São Pedro em Macarani, e esta festa vem ressaltar nossa fé como toda importância dos fiéis moradores daqui” (Amélia, organizadora da cavalgada de São Pedro).

A dimensão simbólica da festa acontece em meio aos discursos e das práticas sociais e culturais que se expressam na realização e modos de fazer a festa, articulando a memória, as representações e relações sociais, que interpretam e compreendem os sentidos desta teia de significados construídos pelos participantes durante a Festa de São Pedro.

Na dimensão da festa de largo, o arraial de São Pedro é considerado como tradição popular, um evento estrutural que foi alicerçado junto com a fundação da cidade, com três dias de duração, 28, 29 e 30 de junho, ocorrendo, portanto, de forma concomitante com a cavalgada e a procissão e estendendo-se por mais um dia, manifestando as práticas culturais e a memória coletiva da comunidade, expressando sentidos da identidade local, por meio da reprodução social e cultural da Festa de São Pedro.

Segundo relatos dos habitantes antigos, o arraial de São Pedro vem sendo realizado desde 1921, festejado pelos moradores desde o antigo povoamento, como parte dos festejos de São Pedro. Segundo alguns testemunhos, no período de 1936 a 1944, no evento ocorriam leilões e apresentações de quadrilhas juninas na antiga Praça da Bandeira e as atrações musicais eram realizadas por trios nordestinos.

Experiência Etnográfica

Na experiência etnográfica da Festa de São Pedro as questões que nortearam na incursão em campo foram principalmente: Qual o significado da festa de São Pedro para os macaranienses? Como é produzida a festa de São Pedro? Quem produz a festa? Quais são os elementos constitutivos e influências que se manifestam na sociedade macaraniense durante a festa? O que caracteriza cada fase da festa, a cavalgada, a procissão e a festa de largo? Qual a visão dos participantes sobre os espaços da cidade durante a festa? Este foi o roteiro central que orientou na coleta de dados e perspectiva de análise.

“... se a antropologia se desenvolve por meio do diálogo entre teoria e etnografia, esse procedimento tem como base *a surpresa* com que o antropólogo se depara com novos dados de pesquisa que são revelados, geralmente, nos tipos de eventos de que participa ou que reconhece como significativos para aqueles que observam - de Mauss e Malinowski a Geertz, passando por Lévi-Strauss, essa tem sido a base do entendimento sobre o que é etnografia.” (PEIRANO, 2002, p. 09).

Desta forma, a etnografia possibilita a utilização de procedimentos de coleta de dados associado a uma prática de pesquisa de campo, permitindo ao pesquisador uma convivência junto à comunidade estudada, favorecendo na vivência do campo a melhor maneira de coletar dados, analisar e compreender os elementos constituintes do sistema social e cultural a ser

estudado, posto que concentre seu foco nos espaços e símbolos de relevante significância a partir do ponto de vista do nativo.

Em *Interpretação das Culturas*, Geertz (1989) aponta a antropologia como uma ciência interpretativa, em que a cultura pode ser representada como um texto, possível de ser lida, analisada e interpretada em um dado contexto, pelo antropólogo. Nesta perspectiva semiótica de compreensão da cultura, a etnografia deve ter como ponto de chegada a elaboração de uma descrição densa, tornando possível construir um registro detalhado e que seja passível de interpretações.

Nesta experiência, foi possível perceber que a Festa de São Pedro representa para seus participantes um evento muito esperado a cada ano e conta com o envolvimento intenso de toda a comunidade, desde os moradores do perímetro urbano, alcançando a zona rural, os distritos vizinhos, os parentes distantes e visitantes de outras localidades dentro e fora da região, agregando um contingente muito grande de pessoas, produzindo uma proliferação de sentidos entrecruzados. São muitas as instituições e segmentos da comunidade diretamente envolvidos na realização dessa festa, que sobrepõe muitas camadas de importância e relevância social. Por sua grandeza, complexidade e extensão temporal, optamos por abordá-la na perspectiva de Marcel Mauss, como um *fato social total*.

“... fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los, exprime-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam” (MAUSS, 1974, p. 41).

A Festa de São Pedro revela-se significativa para a comunidade macaraniense, pois corresponde a um evento marcado, de um lado, pela relevância da religiosidade, de acordo com os macaranienses, “um ato de fé”, mas também, sua importância aparece pelo reconhecimento coletivo de seu valor como evento que expressa e representa a história do lugar, que por sua vez, define sentidos de pertencimento e identidade cultural na reprodução dos valores comunitários, considerados cardeais para os habitantes de Macarani.

Em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (DURKHEIM, 1996), as cerimônias religiosas e as festas representam, de acordo com Durkheim, momentos extraordinários da vida social, produzindo uma efervescência coletiva que altera os sentidos ordinários do cotidiano, reposicionando as condutas individuais e comunitárias redimensionando a existência humana.

“A ideia mesma de uma cerimônia religiosa de certa importância desperta naturalmente a ideia de festa, inversamente, toda festa, mesmo que puramente leiga por suas origens, tem certos traços da cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, por em movimento às massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observam-se, em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital, etc. Foi assinalado com frequência que as festas populares levam aos excessos, fazem perder de vista os limites que separam o lícito do ilícito; também há cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras, ordinariamente as mais respeitadas”. (DURKHEIM, 1997, p. 417-418).

Esses valores, ordinários e extraordinários são, ainda, construções sociais e culturais dadas no espaço e no tempo e, portanto, de natureza histórica em que a interação dos atores se estabelece por meio de um conjunto de práticas compartilhadas da vida social e que também, ao longo do tempo se transformam, indicando aspectos de ruptura e permanência na manutenção e transformação da visão de mundo dos grupos sociais.

O referencial analítico presente em Sahlins (1990) permite atentar para as mudanças estruturais ocorridas ao longo de mais de um século da comemoração desta festa, que podem ser observadas nas conversas com os nativos mais antigos, com referência na memória coletiva e dinâmica geracional, em registros fotográficos e audiovisuais, compreendendo as alterações e processo, considerando os padrões de ação e novos significados em curso na ordem prática de estar-no-mundo.

Assim, além da compreensão da festa como fato social total, enfatizando sua relevância religiosa e sua importância na construção e reprodução de referenciais que marcam a identidade do lugar, essa abordagem histórica e, portanto, a dinâmica da Festa de São Pedro de Macarani, permite registrar como a festa se construiu ao longo do tempo e como foram sendo incorporados novos elementos como a cavalgada em 1965, por exemplo, destacando

seus modos de fazer ao longo do tempo e a partir das relações históricas vivenciadas na cidade, com a territorialidade e com as práticas que definem a identidade local.

Interpretando a Festa de São Pedro

A Festa de São Pedro de Macarani consiste, em primeiro plano para seus participantes, uma celebração de fé - de filiação católica materializada pelo sincretismo popular - que invoca em preces, proteção sobrenatural, agradecimentos e devoção ao padroeiro da cidade, constituindo assim, um fenômeno da coletividade que está para além do perímetro da cidade, alcançando as comunidades rurais, distritos e cidades circunvizinhas, onde os adeptos do catolicismo e devotos do santo participam em família, em grupos da igreja ou outros, dos atos da festa, reunindo-se para os festejos durante os dois dias de romarias e três dias de festa no largo de São Pedro. Compreendendo a organização social da comunidade e aproximando o olhar para as relações entre o passado e o presente da festa, podemos observar que esta prática social constitui-se também numa representação da identidade local, reproduzindo este evento ao longo de mais de um século, como quem maneja uma tradição. Ou seja, considerando a Festa de São Pedro possuidora de um significado simbólico de existência da comunidade no tempo e espaço que a torna singular, *“para mim Macarani se torna Macarani nessa época, não é só uma geração é uma geração mais antiga que junta com outra mais antiga e as novas”*, nos afirma um participante.

Para Durkheim (1996), as expressões da ação coletiva de uma sociedade são definidas como *atos de sociedade*, compreendidas como um fenômeno social que compõe uma representação da coletividade onde a sociedade se coloca em ação para construir e vivenciar como rito, suas ideias, crenças e valores. As festas constituem-se um tipo de ação social coletiva, na reprodução de suas práticas, usos e costumes constituídos de elementos tradicionais e religiosos, através de um calendário anual e espaços sociais simbólicos da cidade.

Podemos pensar que o ponto de chegada das romarias, tanto da cavalgada, quanto da procissão à Igreja de São Pedro, ambas possuem como o ápice do trajeto, as bênçãos

recebidas diante das imagens e morada do Santo. Para os devotos, essas representações manifestam as possibilidades de comunicação entre os reinos terrestre, celestial e dos ancestrais (mortos), estabelecendo uma conexão espaço/tempo entre os homens, os mortos e os deuses, afirmando no espaço geográfico o que Mircea Eliade denomina *Axis Mundi* - o eixo do mundo - é o tempo e espaço de conexão dada pela coletividade na experiência de manifestação do sagrado. Portanto, a igreja e o largo de São Pedro correspondem a esse espaço de representação simbólica, esse eixo do mundo que ordena, de forma sagrada, a comunidade macaraniense no tempo da festa.

Há tantas dimensões da vida social representadas na execução dessa festa que se tornaria possível rumar em diversas direções e desdobrar diferentes dimensões de análise, podendo tentar destacar ou isolar aspectos especificamente históricos, ou econômicos, ou políticos, ou exclusivamente religiosos, ou de costumes e técnicas ou ainda artísticos ou culinários ou de regras ou patrimoniais, enfim, há distintos horizontes para se olhar e analisar este evento - A Festa de São Pedro de Macarani.

Contudo, essas diversas dimensões possíveis de análise, não aparecem do ponto de vista nativo como categorias independentes ou que possam ser descoladas umas das outras, ao contrário, evidenciam-se de maneira intrincada, totalizadas pelo advento da Festa: “... tem coisa que sentimos que não tem como falar...”, nos diz Paulo, participante da procissão, expressando que a experiência em curso não pode caber em palavras, apenas em atos, que por sua vez transcendem a lógica ordinária do dia-a-dia.

Posto isso, a Festa de São Pedro de Macarani é aqui também compreendida a partir de Mauss (1974), como um “fato social total”. Na perspectiva do Fato Social Total, Mauss (1974) compreende a sociedade regulada por instituições morais e religiosas, considerando a vida social como um sistema estruturado por experiências indissociáveis das práticas sociais, culturais e políticas que compõem a história particular de cada sociedade. Tendo em conta seu estudo das sociedades tradicionais, o autor observa que alguns fenômenos sociais são tão complexos por integrarem todos os aspectos da vida social em sua manifestação, de tal modo que os define como “fato social total”.

Assim, a partir dos espaços da igreja e do largo de São Pedro entendidos como eixo do mundo, palco por onde se orienta uma comunidade que encontra na execução desta celebração os sentidos para as conexões desejadas entre o terreno e o celestial, entre os homens, os animais e a natureza que o rodeia, entre as instituições que os representam, nos laços estabelecidos entre moradores, parentes e vizinhos, estamos certamente diante de um fato social total.

Sahlins (1990) propõe a observação e o registro das mudanças ocorridas na estrutura de um evento ao longo do tempo, estas se revelam por meio da memória local/oral dos nativos mais antigos, além dos registros escritos como documentos, fotografias ou outros. Para tanto, compreender essas alterações no processo de construção histórica sociocultural, ocorre por meio da abordagem dos padrões de ação individual e coletiva, apreendendo os novos significados em curso, na ordem prática de estar-no-mundo. Ainda, segundo SAHLINS (1990), na medida em que os acontecimentos são signos, a história pode ser organizada por estruturas de significados. Como a história transforma essa ordem e de que modo à própria história é ordenada no processo de reprodução e transformação dos elementos em ação, percorrer o itinerário de transformações da Festa de São Pedro, nos parece um caminho fértil para compreender, numa perspectiva dinâmica, os processos presentes na construção dos sentidos de uma identidade macaraniense.

Portanto, para analisar as inovações e suas implicações nas relações históricas, que ao mesmo tempo reproduzem as categorias culturais tradicionais e atribuem-lhes novos valores a partir do contexto atual, faz-se necessário captar os fragmentos, os rastros, evidenciados pela visão de mundo dos participantes e devotos da festa, que está, de um lado, cristalizado pela memória individual e, de outro, estabelecido por um conjunto de discursos e práticas compartilhadas da vida social da comunidade e cotejá-las com registros históricos mais amplos.

Tendo já situado o arraial de São Pedro como um espaço de densidade social que ao mesmo tempo dinamiza um conjunto de relações entre nativos, visitantes e é simultaneamente, de forma reflexa, dinamizado por estas próprias relações, de qualquer forma, durante os três dias de festa, esse lugar - que opera como eixo do mundo - nos revela

muito sobre a construção da territorialidade que produz, em larga medida, a definição dos sentidos da identidade de Macarani.

No itinerário da comunidade, a festa possui dois espaços invariantes na cidade, a igreja e o largo de São Pedro, que apresentam tanto os elos mantidos com os espaços de fundação da cidade (eixo do mundo), quanto das vivências e experiências cotidianas, relações de parentesco e representação dos marcos de adesão à fé católica e a morada do próprio santo, em conexão com o local da feira e festejos do arraial, o largo de São Pedro, ponto de origem, efetivo marco zero da cidade erigido em 1921.

Apreendendo essas permanências e também as mudanças ocorridas, não nos resta dúvida sobre a importância vital que a incorporação da cavalgada representou para a longevidade e perenidade da festa. Esse novo elemento, introduzido na década de 1960, configurou outros sentidos e formulou novos significados sobre a festa, como uma espécie de ‘ponto de virada’, onde se impõe elementos do modo de vida local ao exaltar a importância do animal de montaria como um aspecto tão ou mais relevante de coesão para a identificação entre os participantes da festa, quanto o sentido estritamente religioso e católico que sempre até então a definia e caracterizava.

Assim, para além dos emblemas religiosos, esta expressão local e cultural do cotidiano, o gosto pelo animal de montaria se antepõe ao dia da procissão e marca um novo ato de abertura dessa festa, a partir de 1965. É a cavalgada, empunhando uma imagem de São Pedro preto, esculpida em madeira e somente utilizada pelo cortejo da cavalgada, diferente da imagem tradicional de São Pedro utilizada no ato da procissão pela liturgia católica, que nos explicita essa comunidade de origem e destino, conforme canta Edgar Mão Branca em ‘Nasci e vou morrer vaqueiro’.

Desde o início da cavalgada nota-se a densidade que o evento alcança, ampliando a presença das comunidades rurais e também urbanas em torno de Macarani, promovida, certamente, pela identificação com elementos constitutivos da construção de um modo de vida regional, o que atribuiu novos sentidos para a festa elevando sua importância ao relacionar sua prática de estar no mundo, com o sentido do modo de vida local e regional. Tanto que, em

2018, foi a vez do padre se adaptar e incorporar esta mudança já circunscrita na tradição há mais de 50 anos, levando pela primeira vez, ele próprio, a imagem de São Pedro, cavalgando em sua charrete na quinquagésima terceira cavalgada.

Antes de aprofundarmos a importância deste ‘ponto de virada’, vamos recuar um pouco aos idos da década de 1920, situando os contextos locais à luz da historiografia da região. Apontando o trecho da fala do Sr. Chico:

... ser macaraniense ter conhecimento da cultura da cidade, essa terra era indígena, aí depois chegou o branco, expulsou os índios e construiu a cidade, às vezes as pessoas não têm referência de como a cidade começou e se desenvolveu, por isso a prefeitura deveria trabalhar mais nessa parte cultural.”
(Chico, não participante da festa)

Ficamos depois nos perguntando, do que Chico se lembra exatamente? Porque não participa da festa efetivamente, apenas porque se converteu ao evangelho? Porque afirma que as pessoas não sabem dessa história? Diz que não nasceu em Macarani, mas apresenta uma visão crítica tão convicta do que deveria significar ser macaraniense e, ainda, fazendo referência à ancestralidade indígena da cidade.

Conforme as informações sobre a presença indígena no território de Macarani, divulgadas pela internet, não encontram respaldo nos estudos etnológicos. Os fragmentos desses sites revelam antes, uma memória construída por espaços mistos, hibridismos, simbioses mestiças.

De acordo com os escassos registros etnográficos da região do Vale Rio Pardo, essa região foi densamente ocupada pelas etnias, dos Pataxós, N'boré/Ymboré (Botocudos), Kamakã/Mongóis/Goitacazes e Baenã, povos originários que transitaram e estiveram presentes no Sertão da Ressaca. Essas etnias em conflitos intermitentes entre eles, e eram motivados pela movimentação compulsória ocasionada pela intensificação da ocupação regional, desde a abertura do Sertão da Ressaca no início do século XIX. Abrindo espaço para a fundação do Arraial da Conquista, forçando o deslocamento dos temidos Pataxós em diferentes direções, e sendo as etnias dos Kamakãs e Baenãs as principais vítimas na ocupação do colonizador na região do Vale Rio Pardo, consequência da disputa territorial

deflagrada pelo novo contexto de expansão da dinâmica de penetração do litoral para o interior.

Diferente da etnia Pataxó, a etnia Kamakã era considerada passiva, mesmo depois de terem sido expulsos de suas terras originais, onde foi fundado o Arraial da Conquista, e se espalharam pelos afluentes do Pardo, tanto no Catolé, quanto no rio Verruga. Segundo dados da visita do Príncipe Wied-Neuwied ao Brasil (1942), a maioria dos Kamakã havia sido batizada e alguns traziam uma cruz vermelha pintada com urucu na testa.

Na mesma visita, há registros de que os Pataxós foram violentamente dizimados com a introdução do vírus da varíola em roupas doadas aos índios. Na década de 1920, constam nos registros de Nimuendaju, Cartas do Sertão, de 1938 (AMOROSO, 2001), a presença do Posto Catarina Paraguaçu / Ilhéus-Olivença, fundado em 1927 e desativado em 1938, por onde se refugiaram muitas dessas etnias, como os Baenã, presentes nas cabeceiras do Ribeirão Vermelho, afluente do alto rio Cachoeira. Durante sua visita ao Posto, Nimuendaju conheceu e fez registros de testemunhos de uma anciã, Dona Jacynta Grayira, uma das últimas falantes da língua Kamakã (Camakã).

Por fim, Souza Jr (2015, p.95), comenta que esse processo de dizimação adentrou até bem tarde o século XX e apresenta fontes jornalísticas e políticas da década de 1930, demonstrando o acirramento dos conflitos com as decisões de Vargas que desarmava os fazendeiros e a reação desses últimos, solicitando intervenção federal por se sentirem desprotegidos e totalmente à mercê dos recorrentes ataques indígenas na região. Esses ataques correspondiam, na verdade, ao último suspiro desses povos na região, os golpes finais diante da desativação dos postos e esparsas aldeias que ainda resistiam no local, morrendo vitimados pela miséria, malária e leishmaniose.

Como podemos constatar, Sr. Chico tem razão em seu depoimento, uma vez que há muito para se conhecer e reconhecer do contexto da ancestralidade indígena de Macarani, fazendo jus à bandeira e ao brasão que representa essa cidade.

Souza Jr (2015), estudando o mandonismo rural na primeira metade do século XX até fins da década de 1960, na região da divisa entre Bahia e Minas Gerais, conformada por comunidades lastreadas pelo compadrio e apadrinhamento compondo o núcleo da rede de alianças que caracteriza os laços sociais nesse espaço cultural. Distingue o modo de ocupação do recôncavo baiano, fundado no binômio latifúndio/escravidão típico do modelo de plantation, ou mesmo o modelo cacauzeiro do sul da Bahia, do contexto da atividade agropastoril que caracteriza o médio sudoeste baiano na divisa com Minas Gerais, no vale do Rio Pardo. De acordo com o autor, a presença do Estado foi lenta, precária e insuficiente até idos do século XX nesta região, o que resultou na emergência de uma cultura semi autônoma, marcada por um tripé de valores referenciais de alto poder mobilizador: estrutura familiar patriarcal, mutualismo de base comunitária ou comunitarismo localista e religiosidade impregnada de fatores místicos. (SOUZA JR, 2015, p.14, 28, 30).

Nas palavras de Souza Jr (2015, p.80): “Na região de divisa entre Bahia e Minas Gerais que corresponde ao vale do Rio Pardo (...) houve um surto de criação de povoados entre a segunda metade do século XIX até a década de 1930.”, aponta como aspecto comum a todas essas ocupações, o fato de que foram invariavelmente promovidas por agentes particulares, em ações de caráter privado, marcadas pelo voluntarismo, diferente dos processos característicos de ocupação do litoral, marcados pelas iniciativas estatais de cunho nacionalista.

Assim, de fato ocorreram durante o século XX, de Encruzilhada saíram os fundadores de Itapetinga em 1912 e em 1914 temos também a fundação de Maiquinique (antiga aldeia Pataxó), em terras a perder de vista de Damásio Ferreira e João Fonseca.

“Por volta de cinco anos depois os colonos criaram um pequeno núcleo junto ao rio Mangerona, num lugar que chamavam de “Cheira Pau”; passado algum tempo, se transferiram para as margens do rio Macarani, que daria nome a uma cidade. Em 1926 já havia ali uma feira, a localidade tornou-se o primeiro distrito da então Vila de Encruzilhada e comemorava todos os anos a data dedicada ao padroeiro São Pedro.” (SOUZA JR. 2015, p.82).

Sem, contudo, supor homogeneidade interiorana nessa assertiva, o autor procura decifrar o sentido do sertão em torno do debate semântico que o cerca, como “...o *lócus* de práticas marcadas muito mais pela proximidade do que pela distância de fatores culturais

arraigados, poderosamente associados à religiosidade, ao senso de comunidade local e ao vínculo familiar.” (SOUZA JR. 2015, p.15,16).

“Caso após caso, a ocupação gradual dos espaços na região do vale do Rio Pardo fez-se assim, tendo à frente, pioneiros em empresa quase totalmente solitária, abrindo caminhos e picadas para depois fazer virem juntar-se a eles mulheres, filhos, agregados, conhecidos, compadres e parentes. Nessa reunião de gente a conta gotas iam se estruturando os pequenos núcleos, botava-se casa, aqui abria-se um largo, ali uma rua, quase sempre tudo precedido por precárias construções encimadas por uma cruz: em volta da capela dedicada ao santo da devoção dos pioneiros, ou ao padroeiro identificado com o dia da fundação, aos poucos se formava o burgo.” (SOUZA JR. 2015, p.97).

Esta descrição está em consonância direta com nossa observação e os dados coletados em campo, Souza Jr (2015, p.13), aborda o Sertão, para além de suas definições geofísicas em oposição ao litoral, ou mesmo atreladas ao semiárido ou ainda à atividade pecuária, pela resistência de um interior rural, um sertão que se assemelha no século XXI, acima de tudo, consigo mesmo “menos em termos físicos e mais na dimensão humana”, onde a despeito das influências externas e contemporâneas, “ainda sobrevivem certos costumes, práticas e hábitos ancestrais”. Neste momento, o autor enfatiza e revela a estreita relação com a cultura do vaqueiro, entendida como sinônimo dessa cultura sertaneja.

Portanto, podemos analisar quanto esse processo reflete o passado de conquista do território e ocupação do espaço e o quanto transmite, às vezes de forma oculta, outras vezes de forma explícita, esse território existencial, um campo simbólico de disputas pelo poder de pertencimento ao lugar e também vinculado à apropriação do largo de São Pedro, o eixo do mundo, nas formas de expressão da memória coletiva. Disputas e transformações, rupturas e permanências no manejo da tradição.

Na estrutura organizacional do sertão, segundo Souza Jr. (2015), os homens crescem para serem vaqueiros, boiadeiros, roceiros, constituindo hierarquias nesses estratos sociais, sendo nessa escala de valores, os amansadores de burros e cavalos os mais respeitados - uma espécie de elite reconhecida por suas habilidades na doma e pela coragem de enfrentar os riscos que esse talento representa, vistos pelos demais como heróis em sua capacidade de manejar instrumental específico para conseguir dominar os ferozes animais de montaria (Souza Jr.,2015, p.42,43). Assim, amansadores, boiadeiros e vaqueiros conjugam também um

universo subdividido em contextos técnicos e instrumentais especializados e gozam de uma hierarquia de posições de prestígio na escala de valores do sertanejo.

“De longe a posição social mais importante entre os sertanejos é a dos vaqueiros. Também a mais estável, organizada por rotinas previsíveis, com o dia de trabalho distribuído em começo, meio e fim, tarefas bem conhecidas e eventos cíclicos – apartações, ferra do gado, castração de boiadas e de cavalos. O vaqueiro é o representante clássico do establishment. É ele quem, ao contrário dos demais, está em contato permanente com o dono da terra, de quem recebe e distribui instruções para os demais trabalhadores. Conhece cada canto, cada moita, cada pedaço de cerca, cada pau e cada carreiro das terras ao redor.” (SOUZA JR. 2015, p.48).

Com uma descrição muito densa da rotina e organização da divisão do trabalho desses homens do sertão e mostrando como desde crianças são iniciados nessa arte, transmitida de pai para filho, Souza Jr (2015, p.49) afirma ainda que a condição específica do vaqueiro é quase como a de uma aristocracia sertaneja.

Para os macaranienses, o Arraial de São Pedro e os atos que compõe a Festa, marcam o tempo/espaço que condensa as vivências, as condutas e valores que ao mesmo tempo operam como fatores de coesão/indistinção/união e dissociação/distinção/clivagem social, em cada um dos três atos/momentos, emergem tônicas, símbolos e segmentos diferentes na representação da condução daquele ato, todas, contudo, afirmando sentidos de pertencimento, todas igualmente convergindo para o mesmo ponto/eixo de encontro.

As manifestações da memória coletiva vão, deste modo, configurando e consolidando os sentidos da identidade, inventando e reinventando, através da lógica da reprodução social e cultural, enraizada e latente nas redes de relações sociais de parentesco, apadrinhamento, associação política e religiosa, a invenção da sua própria tradição (HOBSBAWM, & TERENCE RANGER 1984). Essa tradição inventada constitui-se numa tradição criada e institucionalizada, relacionada com o conjunto das práticas sociais, histórico-culturais, políticas, econômicas e religiosas, lentamente sedimentadas por regras ocultas ou claramente aceitas pelos adeptos da tradição.

“Elas parecem classificar-se em três categorias superpostas: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito

principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Embora as tradições dos tipos b) e c) tenham sido certamente inventadas (como as que simbolizam a submissão à autoridade na Índia britânica), pode-se partir do pressuposto de que o tipo a) é que prevaleceu, sendo as outras funções tomadas como implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com uma “comunidade” e/ou as instituições que a representam, expressam ou simbolizam, tais como a “nação”. (HOBSBAWM. & TERENCE RANGER 1984, pág.18).

De toda forma, o modo como a Cavalgada impõe sua presença reconhecendo e escrevendo uma tradição, permanece como aspecto, hipótese chave para derivar interpretações da Festa de São Pedro de Macarani para além de sua dimensão religiosa, marcando os vestígios históricos, as pegadas que talvez levem a uma compreensão mais profunda dos aspectos simbólicos das disputas em torno da construção e sedimentação dos sentidos da identidade macaraniense.

Considerações finais

Buscar decifrar a teia de significações da Festa de São Pedro de Macarani, por meio da observação participante e da descrição densa, no exercício do método etnográfico encontra respaldo em Geertz, para quem, na existência múltipla do termo cultura, ao utilizar no sentido de “um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 2008, P. 67)

Estabelecendo dois conceitos fundamentais, Ethos e visão de mundo, Geertz (2008) diz que os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo e sua visão de mundo mais ampla sobre a ordenação das coisas. Os símbolos religiosos estabelecem uma harmonia fundamental entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica. A religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica e projeta imagens desta ordem cósmica no plano da experiência humana, o que ocorre no cotidiano de cada povo.

Essa dimensão mística, mítica e religiosa é a face mais evidente, que define para os macaranienses a motivação central da Festa de São Pedro, que de acordo com seus depoimentos e testemunhos, expressa o modo de vida em comunidade, e em comunhão com os valores, usos e costumes caros à suas vidas em comum. Nesse uso de concepções

assumidas pelos devotos de São Pedro e participantes da festa do largo, essa manifestação não apenas se traduz como expressão de fé, mas também como representação da vida cotidiana da comunidade, quando associam esta Festa ao sentido de uma identidade do lugar.

Referências

- AMOROSO, Marta Rosa. Nímuendajú às voltas com a história. *Revista de Antropologia* (SciELO), vol.44, n°.2, São Paulo, 2001
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo, Martin Claret,1997.
- ERIC HOBBSBAWM & TERENCE RANGER(orgs.). **A invenção das tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.
- FERRAZ, Wadmillan de Oliveira. **Etnografia da Festa de São Pedro de Macarani-Ba**. Montes Claros: Ciências Sociais/Unimontes, 2020.
- GEERTZ, Clifford. **A Religião como Sistema Cultural**. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**.São Paulo: Vértice, 1990
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Vii. São Paulo: EPU, 1974.
- MIRCEA Eliade. **O sagrado e o profano: a essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1995
- NIMUENDAJÚ, Curt. **Os Patasó (Hã Hã – Haî)**. **Manuscrito de 1938**, Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1939 (disponível em - <http://etnolinguistica.wdfiles.com>)
- PEIRANO, Marisa. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais I** Marisa Peirano 0643 (org.). - Rio de Janeiro: Relume Dumará :Núcleo de Antropologia da Política UFRJ, 2002
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SOUZA Jr. **Coronéis e compadres, família poder e lealdade no sertão**. Tese de doutorado: PUC-SP. 2015.

Gabriel Ferraz, Wadmillan De Oliveira Ferraz.
A Festa de São Pedro de Macarani- BA: Interpretando a identidade e a religiosidade da tradição.

WIED-NEUWIED, Maximilian. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.